

marmanjo. Gingando e tropeçando, os garotos avançaram triunfantes. Iam finalmente saber o destino daquela moça cuja vida perigava tanto no cartaz.

Seis sapatos velhos recrutados em quinze minutos! Onde os teriam desencavado os moleques? Nem formiguinhas miúdas em torno do açúcar apareciam com tamanha rapidez. A miséria deve ser dona de um bricabraque invisível, e com certeza alguma sociedade secreta abastece os maltrapilhos. As sapucaias não são o único depósito das escórias de uma cidade grande. E se aquele porteiro por capricho exigisse dos meninos três seringas, cinco guarda-chuvas, dois sutiãs e sete chaves de fenda — estou certo de que esses utensílios chegariam direitinho às mãos do engraçado. O que para a maioria é lixo desprezível, para o pobre é lembrança afetiva ou objeto de possível serventia.

Os três se aproximam. O porteiro esboça qualquer objeção que não chega a formular, porque intervendo com firmeza: "Agora já podem entrar. Estão calçados!" E os meninos mergulharam no mistério da sala. Tinham urgência de saber se a moça escaparia dos bandidos. Nem me agradeceram. Agradecer o que, afinal?

Talvez se lembrassem mais tarde de um sujeito calvo, de óculos, que surgiu na hora precisa e lhes facilitou o ingresso a uma zona de sonho... Alguém que não seria nenhum protetor ocasional, ou diletante da bondade, mas apenas uma peça do mundo mágico a que pertenciam. Mundo onde não se agradece nem se pede nada a ninguém. Porque tudo, nele, acontece gratuitamente.

(Transcrito do original por Marco Antonio Castelli)

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DE "A APARIÇÃO DOS SAPATOS"

por Marco Antonio CASTELLI*

1. Lembrando Aníbal

O que me impele a escrever sobre Aníbal Machado é o prazer

*Professor de Literatura Brasileira da UFSC.

de tornar pública esta até agora inédita crônica de um modernista ainda tão pouco conhecido — e, pior, tão pouco lido nesta terra de poucos leitores.

Escrever sobre Aníbal é fazer um saudável exercício sobre o que há de melhor na literatura brasileira. Melhor do que isso: é mergulhar na releitura do sonho-ilusão que rende a prática do cotidiano; coisas pinçadas pela escritura poética, limpa e lógica deste mineiro — de raízes paternas nas bordas de Santa Catarina¹ tantas vezes exemplo de linguagem clássica de que se compõem suas obras. Lembro-me aqui do já corriqueiro modelo de concordância verbal nos compêndios gramaticais "... era tão pequena a cidade que um grito ou gargalhada forte a atravessavam de ponta a ponta," em "O Início do Vento".

Não vou me apegar, porém, a tal aspecto de sua obra, pois ninguém o exploraria melhor do que já o fez Cavalcanti Proença no marcante prefácio para *A Morte da Porta Estandarte*.² Eu prefiro viajar tão somente pelas emoções que se desprendem do texto anibalino. Vou pelos caminhos da livre interpretação de um leitor comum que, de repente, assiste ao vôo da própria imaginação, circunstância, aliás, oferecida apenas pelos grandes escritores. É a imaginação brandida pelos sentimentos que, por sua vez, são a força motriz expressa no Aníbal Machado de frases como: "A força da vida é sempre maior que o apelo do nada"; "É poeticamente que habitamos o mundo"; "O poder da poesia se confunde com o da vida"; "O espírito humano é teatro de contradições dialéticas e, por isso mesmo um teatro vivo"; "Divergir não importa. O principal é buscar a solução dialética das contradições"; ou ainda esta frase de contundente significação: "O mal dos poetas foi terem consentido no distanciamento entre o sonho e a realidade".³

Neste último 20 de janeiro completaram-se vinte e um anos de sua morte.

Lembrar Aníbal Machado significa lembrar sua palavra, suas frases — o texto, suas personagens, seus heróis. Enfim, significa lembrar sua arte — sua forma de declaração de amor ao ser humano.

2. Os heróis de Aníbal

Os três moleques maltrapilhos são do cronista o seu herói, porque são os heróis da vida real, personagens reais com quem Aníbal tece e deixa tecer a cumplicidade no sonho. Sonho, uma partícula mágica — sugestão do cartaz à porta do cinema — que faz brotar no Autor e suas personagens o sentimento de esperança. Atravessando, portanto, aquela porta, penetrarão no mundo da ilusão — verdadeiro mundo, porquanto alimenta a magia de viver. A Aníbal, contudo, não interessa mais o filme com a mocinha desmaiada e seu salvador — estes heróis da ilusão cinematográfica cedem lugar aos heróis que despontam na história mais real que existe, a do cotidiano, surgindo como encantamento, pisando sapatos histriônicos e, de repente, tudo o mais é absurdo, tudo o mais é como um sonho total, elevando-se, por isso mesmo, ao plano do real.

Abre-se o coração do cronista que se deixa envolver por seus verdadeiros heróis — os seres humanos.

Aníbal Machado pratica a observação de Unamuno: "... el heroísmo se paga cuando nos acercamos al heróe con el corazón puro. Admirar y querer el heróe con desinterés y sin malicia es ya participar de su heroísmo".

Feita a transfusão, confundem-se sonho e realidade, germinou-se a semente da poesia, fez-se a poesia. Na rua Chile a poesia, na porta do cinema a poesia, nos sapatos sujos e ridículos a poesia. A crônica se recheia de elementos poéticos e, portanto, de vida num lampejo de felicidade, porque seu Autor captou um estado de felicidade — o único sentimento que não tem mistérios porque se explica por si só, como diria Borges.

3. E surgem os sapatos!

Os acontecimentos são indizíveis, ou intraduzíveis nos escritos de Aníbal — já o dissera Cavalcanti Proença em seu estudo-chave "Os Balões Cativos". Com efeito, a crônica. "A Aparição dos Sapatos" reflete o inesperado, o não pensado e, por isso mesmo, o humano.

Crianças, espontaneamente, criam imagens surrealistas imantadas no seu próprio gesto. Assim, também, os meninos maltrapilhos que surgem ao sabor do abandono à porta do cinema onde, cansado de esperar por Santa Rosa,⁴ o cronista resolve assistir ao banguê-banguê em cartaz e, repentinamente, vê-se envolvido por uma aventura, a um só tempo, de realidade e ilusão libertadoras que a própria cidade oferece através dos contornos de seu cotidiano. São os meninos que o assaltam munidos apenas de olhos cheios de desejo de descobrirem a magia que se desprende uma tela de cinema.

O problema, porém, entre os meninos e a magia do cinematógrafo, estava em fazer a mágica verdadeira de aparecerem os sapatos. A um passo da ilusão, os sapatos! E a mágica maior se faz. Uma mágica de ação: correr, procurar, encontrar e calçar os sapatos, tapetes-mágicos da imaginação e realização humanas.

Ali estavam eles — espetáculo maior — maltrapilhos em seus sapatões disparatados e surgidos do nada, entre cartazes coloridos, mostrando cenas alheias à borbulhenta rua Chile e à ante-sala chique e guardada pela imponente presença do porteiro. Mais adiante o sonho — a sala de projeções — o mundo da liberdade, onde o corpo cede lugar ao espírito, aos olhos da alma...

Entre estes elementos assim dispostos está o Autor — o cronista — elo do tempo e ação organizadora de toda uma realidade cotidiana, a qual não lhe enxergamos seja o absurdo, seja a contingência, nem mesmo a sua ternura e, sobretudo, o seu sentido anedótico. O cronista Aníbal sim. Ele vê e movimenta os aspectos imprecisos, criando os contornos exatos do momento que, embora se faça por si mesmo, faz-se de maneira caótica.

Aníbal é, pois, o limite entre os detalhes do caos, chamando-nos a observar em quem a ternura, em quem o anedótico e de como se transforma a realidade dramática e rija em um plano de sonho e liberação próprio da felicidade.

4. O ato gratuito

Na abordagem de Aníbal, as coisas, os gestos, os fatos são gratuitos: "... não se agradece nem se pede nada a ninguém. Porque tudo (...) acontece gratuitamente". Ou se retomarmos a magia existente no ato de Duília "... o mais louco e gratuito com que uma moça pode iluminar para sempre a vida de um homem tímido". É a gratuidade, pois, que concebe a magia da vida — pontos de espontaneidade que decorrem do humano, pontos que cintilam sem esclarecimento porque partem de um comando interior sem explicação e sem necessidade aparente, denotando o estranhamento da relação objetos e seres vivos em que estes dão vida àqueles, expressando um todo harmonioso que realiza o ato de viver.⁵

Talvez esteja nisso o recado do autor de "A Morte da Porte Estandarte". No seu indelével anseio de descobrir quem é o ser humano, Aníbal o desnuda pela percepção dos detalhes à maneira de Machado de Assis, ao pinçar pedaços da psiquê humana através do comportamento pelos atos os mais inesperados. Contudo, a diferença no resultado é abissal, uma vez que as personagens de um e de outro se realizam através de soluções diversas.

Para Machado não há esperança, enquanto que para Aníbal esta é a marca que lhe compõe o mundo de criaturas que escapam, ou antes se refazem através da poesia de sonhar. E se há poesia, há possibilidades.

Se, ainda no autor de **Dom Casmurro**, o sonho não passa de um direito de cada um e, sobretudo, não estabelece compromissos e nem traz riquezas (entenda-se-lhe a ironia, é claro) em Aníbal, o sonho é a visão que não se desprende, da realidade, antes, enriquece-a. Mas há outra diferença a favor do escritor mineiro: o sonho torna ameno o coração e, portanto melhora a vida

Quem ler seus escritos verá.

5. Machado de Assis versus Aníbal Machado

Lembrar de uma correlação, rapidamente, entre os dois escritores não deixa de ser interessante.

Tratemos de sapatos, primeiramente. Se para o contista fluminense a felicidade encontra-se em um par de botas, no seu sentido mais irônico, para o cronista mineiro um par de sapatos tem significado vital porque faz parte de um conjunto onde se enquadram o objeto, o corpo e a felicidade, inclusive — é elemento mítico, é objeto cujo valor suplanta o sentido material de si próprio porque indica a passagem do ser para o plano da felicidade.

Observemos uma correlação de ordem econômica entre um e outro escritor. Há que lembrar do Machado realista em cuja proposta aparecem largamente os valores burgueses da busca sem limites de poder econômico. Uma proposta voltada para o modelo econômico e status que europeus, onde impera a lei da mais valia, a lei do mais forte. Ao vencedor as batatas.

No Machado modernista, a economia faz pensar novas orientações políticas que convergem para o relacionamento com a realidade social do pós-guerra, a descoberta da existência de um Brasil em extrema dependência econômica, e a consciência de que o brasileiro precisava de antemão reconhecer-se como sociedade pobre.

Ainda há que lembrar da importância do sonho, e o respectivo tratamento para a matéria, oferecida em cada um dos prosadores. A ironia permeia a obra machadiana e o sonho não lhe escapa à ferina observação de que "é melhor cair das nuvens que de um terceiro andar", e que, sobretudo, o sonho "é um direito de cada um" — apenas isso. O sonho, portanto, no nível da economia do ponto de vista burguês. Ainda: sonhar além das regras do jogo é loucura e, conseqüentemente, destruição. Veja-se Rubião. O sonho, enfim, tratado como oposição à realidade.

Na obra anibalina, o sonho é libertação. O sonho é elemento da própria realidade, filtrada e refeita através daquele. É, pois, elemento que fortifica e liberta. Na crônica em questão os cartazes são códigos reais que sugerem aos espectadores as emoções do sonho; em seguida aparecem (como num sonho) os sapatos — velhos, sujos, porém de efeito restaurador. Os sapatos recuperam o equilíbrio entre classes e recuperam o

próprio ato de sonhar, uma vez que são passaporte para o mundo da ilusão, antes apenas sugestão à porta do cinema via cartazes. Enfim, dão ingresso ao palácio encantado dos sonhos — a sala de projeção, cujo acesso é criteriosamente velado pelo guardião da ordem estabelecida.

6. O outro guardião

Os três moleques maltrapilhos são a força da inocência e da certeza de que assistir ao banguê-banguê americano do anúncio é um direito líquido e inalienável.

Aníbal libera a poesia da própria realidade ali contida, a realidade do inesperado, a realidade mágica. Os meninos são uma proposta do novo — o novo que se insinua sem traumas — misturam sonho e realidade de maneira irreverente, num comportamento positivo.

Aliás, na ficção anibalina, as personagens jovens são positivas neste sentido. Isto é, elas agem pelo sonho, ou antes, como se tudo fosse um sonho. Não problematizam a vida, vivem-na, refazem-na. Ao contrário, suas personagens adultas, via de regra, misturam o sonho à realidade perpetrando o limite do equilíbrio. São personagens negativas e, não raro, entram em fuga. Neste caso há os exemplos de "O Homem Alto", "Acontecimento em Vila Feliz" e "A Morte da Porta Estandarte"; no primeiro caso se inserem as personagens jovens de "Tati, a Garota", "O Monólogo de Tuquinha Batista", "O Iniciado do Vento" e, claro, os meninos de "A Aparição dos Sapatos".

Quem é o Aníbal da crônica em questão?

Não apenas o cronista que se adequa inteiramente à definição de Paulo Mendes Campos transcrita de "Fala Amendoeira": "... a crônica é ficção que comunica efeito de realidade, com pretensão especular e documental, onde se manifesta, inequivocamente, seu sabor ideológico feito de notícias e não notícias. Oscilando entre a vinheta e a autobiografia, a crônica incorpora um dado alheio a outras formas de escrita: o consumo. Com efeito ela se assenta num tripê: é impressão do presente num jornal, objeto literário num livro e memória como documento para um futuro."⁶

Tange, à porta do cinema, o Aníbal paternalista sociológico — a esquerda moralizante que se cumpre como salvadora do fraco e oprimido. Eis o outro guardião, mediando entre o porteiro do cinema — guardião da ordem estabelecida — e os desvalidos da sorte. Entretanto, se por um momento Aníbal se deixa entrever como o marxista cerebral, tão rapidamente reage o Aníbal cristão que se funde em um mesmo — o evangelizador e o justiceiro político.

Mais do que o cronista, o marxista ou o evangelizador salta-nos, de pronto, o artista pleno, porque homem extremamente sensível. Este de forma mais completa porque açambarca os demais em si mesmo. Este é o Aníbal Machado de **Cadernos de João** que se propõe a "captar um dos termos de fluxo fugitivo" e é o que mais gostosamente ele faz para o leitor, pois é um ser irradiador que através de seus olhos emenda o quadro observado em si mesmo — ser reflexo e côncavo, onde a força fugida da poesia — vida penetra e ecoa.

Assim, feito uma série de quadros contínuos e ligeiros, feito cinema, a crônica se tece da espera por Santa Rosa, dos cartazes, dos meninos, do porteiro até a entrada para as trevas da sala de projeção onde se abrem outras luzes que irão se misturar às daqueles olhos infantis — forças vibradoras e irradiantes de vida sem máscara, vida intensa na sua composição, ainda que miserável na aparência, ainda que grito.

São forças de raízes surrealistas enquanto arte, enquanto formas estéticas, e que se confundem também com o expressionismo através da pena de Aníbal Machado.

7. Caos e poesia

Enfim, por que cinema? Porque cinema é uma parte da vida de Aníbal. Um pedaço de sua obra é dedicada ao cinematógrafo, sobretudo aos irmãos Grouxo e Marx e ao inefável Carlitos.

Grouxo e Carlitos se fundem nos meninos, quer pelo caráter anárquico do primeiro, quer pelo toque densamente poético do segundo. Vale lembrar que os filmes dos irmãos Grouxo e Marx

traziam a marca da intemperança, da não aceitação da ordem estabelecida, daí é que, ao surgirem em cena, quebrava, desordenavam. Sem refletirem sobre as coisas, simplesmente desarrumavam, negavam todo e qualquer princípio de autoridade e, por fim, provocavam alegremente o caos.

Carlitos, todos nos lembramos mais de perto, era a delicadeza dos sentimentos, retomando a cada filme a estrada que o levaria a outra e mais outra tentativa. Carlitos era o sorriso e o non sense que desfiguravam o establishment apenas com sua simples presença, e depois questionava-o frente a frente sem medos, sem recolhimentos, sem dores. A poética proposta da esperança. Carlitos, o clown!

O caos e a poesia — daí, o humano. Daí, os meninos maltrapilhos, descalços. Ei-los criando a cena, o palco onde assumem o palhaço que faz o riso da própria miséria.

Cinema e circo. O circo no cinema com o clown, elemento de reverso do que, em verdade, é o ser humano — homem surreal. O ser muito além daquilo que a realidade do adulto propõe e impõe.

O mundo deveria ser dos meninos (das crianças, enfim) e dos velhos poetas. Um mundo onde se representa agora o próprio Aníbal maduro entregue à cena que surge do inesperado.

Como um sonho, como o cinema. Ou, antes, como a vida. A vida do ponto de vista do artista. Neste caso a arte veste a vida para despi-la naquilo que é a vida mesma. Paradoxalmente, a arte tenta reorganizar o mundo.

É a tentativa de Carlitos. É a tentativa de Aníbal.

NOTAS

¹Virgílio Cristiano Machado, pai de Aníbal, nasceu em São Francisco do Sul-SC cuja família, de origem açoriana, vivia da pesca de baleias no mar-catarinense. A mãe de Aníbal, dona Maria Helena Monteiro Machado, era mineira.

²PROENÇA, M. Cavalcanti. "Os Balões Cativos", introdução para **A Morte da Porta Estandarte e Tati, A Garota e outras histórias**, 10.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

³ANTELO, Raúl. **Aníbal Machado: Erosão da Pedra — reunião dos esparsos e inéditos**. Florianópolis, UFSC, 1983. (Inédito)

⁴Thomás Santa Rosa Filho (1909-1956) - pintor, gravador, coreógrafo, professor. Em 1930 chega ao Rio de Janeiro, iniciando carreira como ilustrador para obras de José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado. Escreveu também os livros **Roteiro de Arte e Teatro, Realidade Mágica**, publicados pelo então Ministério da Educação e Saúde, na coleção "Os Cadernos de Cultura". Não há data de impressão nos livros, mas supunho que sua publicação deva ter sido feita por volta de 1952.

⁵A respeito desse assunto, sugiro a leitura do artigo de Maria Angélica Lopes Dean, "Aníbal Machado e o Sonho", publicado no Suplemento Literário nº 813 de 1/5/82, p.6-7 do **Jornal de Minas Gerais**.

⁶ANTELO, Raúl. **Literatura em Revista**. São Paulo: Ática, 1984. p.62.

EM TORNO A ANÍBAL MACHADO

Rodolfo ALONSO*

A extraordinária vitalidade da literatura brasileira jamais deixa de me surpreender. Como um continente ainda virgem, para nós, leitores de fala espanhola, cada nova tradução é como uma buliçosa descoberta. Uma literatura que já conta em seu haver com não poucos cumes diversos e notáveis não pode deixar de contar, da mesma forma, com uma enorme produção de escritores que, embora nem sempre alcancem essas altu-as, trabalham com eficácia e dignidade.